

As Cartas do Céu e das Encruzilhadas

Marcabrü Aiara

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcabrü Aiara é professor, músico e dramaturgo, casado e pai de dois filhos. Autônomo, realiza intensa atividade didática e criativa de música, idiomas e teatro.

RESUMO DO TEXTO

Uma dramaturgia lírica, universal e alegórica sobre a liberdade, a transcendência e a tradição espiritual, livremente inspirada no povo cigano, também conhecido como o povo do vento ou povo da estrada.

No centro do palco, há uma roda de carroça cigana inclinada e velha, tombada pelo tempo. Em torno da roda, se desenvolve toda a dança da dramaturgia, simbolizando as danças circulares e ancestrais desde a noite mais escura do tempo. No fundo, à esquerda - porque os caminhos sinistros e canhotos demandam luz -, uma luminária de bambu com o lustre em globo, com sua luz declinando em sete cores, símbolo das sete fases da lua (a crescente e a quarta crescente, a minguante e a (fase) quarta minguante), a lua toda plena e seu par todo escuro no céu, a lua nova vazada, mas jamais vazia, mãe de tudo debaixo do céu. O cenário é mínimo como os lamentos que se carregam ao túmulo.

Solo de flauta de bambu, entra a Bailarina com uma coreografia de 4 lenços coloridos nas mãos – vermelho, amarelo, branco e preto – e começa a falar.

Bailarina – Os caminhos do céu são ensinados pelos pássaros, suas migrações e ancestralidades. Não inventaram esses caminhos porque são filhos dos ventos (joga cada lenço na direção dos 4 pontos cardeais) e os caminhos do céu são transmitidos de mãe para filho, como num clã, em sucessão discipular. Os pássaros, portanto, são filhos dos ventos, como os gitanos, que conhecem os caminhos do céu como a palma de suas mãos (abre os braços em cruz, depois três palmas percutidas com as mãos, de ambos os lados, como no flamenco, finalizando o solo de flauta) e seus andares nesta Terra são inspirados nos pássaros, seus irmãos de caminhada, peregrinação e ascensão.

Começa solo de ukulele.

Bailarina – Mas não é uma estrada sem lei o céu, não é um campo intocado pelos arados, porque a noite é feita terra escura do céu, fértil de tudo, a mãe mais velha de todas as coisas, mas também desterro das almas, sepultura para outros. Não é uma terra virgem, uma folha em branco, um azul vazio e sem fundo, embora o céu não tenha mesmo beiradas.

Bailarina ajoelha-se em posição de reverência e humildade, retira as cartas da bolsa, embaralhando-as e olhando para elas..

Bailarina – O céu está riscado de cartas, mapas e caminhos por onde as estrelas escrevem os destinos nesta Terra. (Tira uma carta do baralho e fala) A Morte!

Fim do solo de ukulele.

Bailarina – Pássaros voam como mensageiros, suas quedas são oráculos assim como suas fêmeas em parto. O céu não tem pegadas, mas tem os ventos, sendo senhor de seus caminhos, e a migração dos pássaros como tradição, como uma via sacra – o voo de um pássaro é feito um peregrino em busca de sua divindade. Um sudoeste, entrando nas margens costeiras, levanta os mares, como um veredito. O céu não tem pegadas, mas tem a ancestralidade dos voos, desde antes da humanidade caminhar sobre a Terra. Tem o vento frio do norte com seu inverno, sua morte lenta e severa. O céu não tem pegadas, mas tem os seus prenúncios de tempestades (solo de tambor iniciando uma nova coreografia; Bailarina continua a falar), suas nuvens férteis de chuva – o céu também é seco e

árido acima dos desertos, e os pássaros não migram aleatórios. O céu não tem pegadas, mas as aves imperiais têm os seus berçários e ritos e seus próprios cemitérios, e o falcoeiro sabe quando seu falcão não voltará do voo.

Corte seco do solo de tambor.

Bailarina – O céu tem suas próprias pegadas para quem é do céu.

Solo de flauta de bambu.

Bailarina sai de cena.